

## A Polifonia e a Intertextualidade como recursos argumentativos para a construção de posts opinativos no blog *Papo de Amiga*

Gislaine Gracia Magnabosco\*

**RESUMO:** Tendo como base os pressupostos teóricos de Bakhtin/Volochinov (1992) e partindo da concepção de texto como um “objeto significante, dialógico, único, não reproduzível” (BARROS, 1999), este trabalho buscou analisar como se manifesta o dialogismo nas produções textuais do *blog Papo de Amiga* da revista *Capricho*. Pela análise realizada verificou-se que as produções são ali construídas não só visando responder à temática do *blog*, como também aos outros comentários já realizados. Desta forma, a polifonia de Ducrot (1987) e a intertextualidade (KOCH, 1997) tornam-se elementos fundamentais para a construção dessas produções, principalmente, para a construção da argumentação por parte dessas leitoras-produtoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo, Internet, Intertextualidade, Polifonia, Responsividade.

**ABSTRACT:** Based on the theoretical assumptions of Bakhtin / Volochinov (1992) and based on the concept of text as a "significant object, dialogical, unique, not reproducible" (Barros, 1999), this study sought to analyze how dialogism is expressed in the textual productions of the *Blog Papo de Amiga* of *Capricho* magazine. With the analysis, it was found that the productions are not only built in order to respond to the theme of the *blog*, but also to other comments already made. Thus, the polyphony of Ducrot (1987) and intertextuality (KOCH, 1997) become fundamental to the construction of these productions, mainly for the construction of the arguments by those readers-producers.

**KEYWORDS:** Dialogism, Internet, Intertextuality, Polyphony, Responsiveness

### Introdução

Partindo do pressuposto de que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem, este trabalho tem como objetivo verificar como este se manifesta nas produções textuais do *blog Papo de Amiga* da Revista *Capricho*. Para isso buscaremos responder as seguintes perguntas: sendo o *blog* um espaço que promove uma escrita interativa na Internet, é possível afirmar que suas produções textuais além de serem dialógicas, são heterogêneas? Ou seja, que em seus textos há a presença de outros textos e outras vozes (polifonia)? Se sim, com qual finalidade?

Assim, apresentando algumas considerações sobre o dialogismo entre os sujeitos e, posteriormente, entre os textos; analisaremos cinco comentários da postagem de 02/10/2009 cuja temática é: “*como contei para os meus pais que perdi a virgindade*”. Esses comentários foram selecionados por serem publicações posteriores ao *post* inicial,

---

\* Mestranda em Estudos Linguísticos, Linha Texto e Discurso, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: [gigracia@hotmail.com](mailto:gigracia@hotmail.com). Trabalho confeccionado em janeiro de 2010.

revelando, pois, se o dialogismo e o Outro aparecem já logo nos primeiros comentários ou se vários comentários são necessários para que eles ocorram (ou não).

## 1. Dialogismo entre Sujeitos

Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, Bakhtin/Volochinov (1992) apresentam uma concepção de linguagem essencialmente dialógica. Para eles, o dialogismo seria o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso (BARROS, 1994). Desta forma, todo entendimento seria dialógico, isto é, o significado não pertenceria a uma palavra, mas sim ao processo de entendimento ativo, responsivo entre os locutores.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. O diálogo no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, (...) toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p.123).

Essa concepção de linguagem adotada por Bakhtin/Volochinov (1992) traz em seu bojo não só a consideração de que a enunciação é produto da interação social e que “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta<sup>1</sup>” (*ibid*), ou seja, um elo na cadeia comunicativa (sócio-histórica-ideológica); como também que a interação é um fenômeno realizado em um contexto social específico, que instaura uma relação dialógica entre os sujeitos, fazendo com que estes construam seu dizer tendo em mente o Outro.

É nesse sentido que Bakhtin/Volochinov comentam que toda palavra comporta duas faces, “ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*” (1992, p.113). Será por meio desta que um se “definirá em relação ao outro, e em última análise, em relação à coletividade” (*ibid*, p.113).

---

<sup>1</sup> Para Bakhtin todo “enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (2003, p.300)

Desta forma, toda construção de um dizer levará sempre em consideração um “outro”, um destinatário, do qual, necessariamente, espera-se um posicionamento, uma atitude responsiva. Essa atitude responsiva, esse ato de responder é possível porque, de acordo com Bakhtin “todo enunciado comporta um começo absoluto e um fim absoluto” (2003, p.294). Assim, “o primeiro e mais importante dos critérios de acabamento [do enunciado] é a possibilidade de responder – mais exatamente de adotar uma atitude responsiva com ele” (*ibid*, p. 299).

Para o autor, essa totalidade acabada do enunciado, que permite a atitude responsiva, é determinada por três fatores: “tratamento exaustivo do objeto do sentido” (ter o que dizer sobre um determinado tema); “o intuito, o querer-dizer do locutor” (uma finalidade para a escrita) e as “formas estáveis do gênero e do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p.299).

Verificaremos, na análise do corpus, que esses três fatores encontram-se nas produções textuais das adolescentes, já que estas, ao se identificarem com a temática do *blog*, utilizam determinados gêneros (relatos, textos opinativos, entre outros) para construir seu dizer visando não só demonstrar sua posição frente a um tema, como também, a partir da reprodução de parte da ideia ou de trechos textuais das outras leitoras, contra-argumentarem com estas.

Desta forma, observaremos que os enunciados produzidos no *blog* estão sempre dialogando, encontrando-se, assim, em uma intrincada cadeia de responsividade; o que corresponde, então, à teorização de Bakhtin/Volochinov, para quem “os enunciados, ao mesmo tempo em que respondem ao já-dito, provocam continuamente as mais diversas respostas (adesão, recusa, críticas, ironias (...))” (*apud*, FARACO, 2003, p.57). Desta forma, “cada enunciado é uma resposta, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo, é um elo da corrente ininterrupta da comunicação sociocultural. E, ao mesmo tempo em que responde, espera uma resposta”. (*ibid*, p.57)

Nesse sentido, Menegassi (2009) lembra que

(...) a responsividade é, na verdade, uma exigência das práticas sociais de interação (...) não é apenas uma simples decorrência das práticas de linguagem, mas, antes, um fator imprescindível para que elas aconteçam. Não se trata apenas de poder oferecer uma resposta ao que foi dito pelo locutor, mas de compreender que a formulação de enunciado endereçado ao outro constitui, por si, uma possível resposta a outros enunciados que circulam na sociedade (...) [Assim,] a atitude responsiva está ligada à

percepção e compreensão do significado do enunciado por parte daquele a quem a palavra é dirigida (MENEGASSI, 2009, p.4-5).

Assim “toda compreensão [será] dialógica” (BARROS, 1999) e implicará uma dimensão axiológica, uma vez que nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores (FARACO, 2003); ou seja, ao utilizar a linguagem não só descrevemos o mundo, como também, apresentamos diferentes modos de dar sentido a esse mundo<sup>2</sup>. Assim, “a enunciação de um signo é sempre também a enunciação de índices sociais de valor” (*ibid*, p.53) e isso será claramente visualizado nas produções do *blog*.

## 2. Dialogismo entre Textos

Além do dialogismo entre os sujeitos (expressado não só pela interação como pela atitude responsiva frente aos enunciados), há o “diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define”. (BARROS, 1994, p.04). Desta forma, todo texto pode ser definido como um “tecido de muitas vozes, ou de muitos textos ou discursos, que se cruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no *interior* do texto” (BARROS, 1999, p.34). Será esse diálogo entre os textos que embasará os conceitos de intertextualidade e polifonia.

### 2.1 Intertextualidade

Para Fiorin (2006) a intertextualidade é um tipo particular de interdiscursividade na medida em que nela há um texto no qual se encontram duas (ou mais) materialidades textuais distintas. Nesse sentido, Barthes (*apud* KOCH, 1997, p. 46) comenta que “todo texto é um intertexto: outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”. Desta forma, todo texto seria heterogêneo e dialogaria com outros textos que “lhe dão origem, que o predeterminam, que retoma ou a que se opõe” (*ibid*).

É por isso que Kristeva (*apud* KOCH, 1997, p.48) defende que qualquer texto se constitui como “um mosaico de citações [sendo uma] absorção e transformação de um outro texto”.

---

<sup>2</sup> A tal ação Faraco (2003, p.50) fala da *refração*: “Não é possível significar sem refratar. Isso porque as significações não estão no signo em si [mas] são construídas na dinâmica da história e são marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais” (*ibid*, p.50).

Entende-se por intertextualidade o trabalho constante de cada texto em relação aos outros, o imenso e incessante diálogo entre as obras. Cada obra surge como uma nova voz (ou um novo conjunto de vozes) que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhes novas entonações (FRASSON, 1992, p.89).

Observa-se, assim, que todo e qualquer texto possui uma intertextualidade que seria a própria condição de existência destes. Essa intertextualidade em sentido amplo seria manifestada implicitamente, sendo, também, denominada de interdiscursividade:

A intertextualidade em sentido amplo [é] a condição de existência do próprio discurso (...) É nesse sentido que Maingueneau (1976, p.39) afirma ser o intertexto um componente decisivo das condições de produção: ‘um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual toma posição’ (KOCH, 1997, p.60).

Além dessa intertextualidade, há, ainda, uma intertextualidade em sentido restrito que seria a relação que um texto mantém com outros previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos; que poderia se manifestar explícita ou implicitamente.

A intertextualidade *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte de uma memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores (...) Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos, ou fragmentos de textos efetivamente produzidos com os quais estabelece algum tipo de relação (KOCH;BENTES;CAVALCANTE, 2007, p.17).

Essa intertextualidade em sentido restrito pode ser de vários tipos: **de conteúdo** (ligada às questões de conhecimento de mundo) e **de forma/contéudo** (pode estar ou não vinculada à tipologia textual); **explícita** (cita-se a fonte) ou **implícita** (não cita a fonte – espera-se que o interlocutor a recupere na memória para construir o sentido do texto); **das semelhanças** (o texto incorpora o intertexto para seguir-lhe a orientação argumentativa) ou **das diferenças** (o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, coloca-lo em questão); **com intertexto alheio, com intertexto próprio, com intertexto atribuído a um enunciador genérico.**

Na análise das produções do *blog* verificaremos que a retomada do texto alheio na nova produção se dá explícita ou implicitamente, visando na maioria das vezes, incorporá-lo para colocá-lo em questão, refutá-lo (intertextualidade das diferenças).

Desta forma, a intertextualidade “revela-se como um importante fator na construção da *rede de relações* que é a textualidade” (FRASSON, 1992, p.90). Nesse

sentido Koch; Travaglia comentam que “todas essas manifestações da intertextualidade permitem apontá-la como fator dos mais relevantes na construção da coerência textual” (*apud* KOCH, 1997, p.50), sendo importante, portanto, não só para a produção como para a compreensão dos textos.

## **2.2 Intertextualidade e Polifonia**

Antes de comentar o conceito de polifonia achou-se relevante ressaltar a distinção existente entre este e a intertextualidade.

Para Fiorin (2006), o termo intertextualidade deve ser reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Nesse sentido, para ele, “a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas o contrário não é verdadeiro” (*ibid*, p.181).

Barros (1999), partindo da mesma concepção, comenta que a polifonia caracteriza um certo tipo de texto, no qual não é necessário a materialização das diversas vozes, mas sim a encenação; distinguindo-se, pois, da intertextualidade.

O conceito de polifonia é mais amplo que o de intertextualidade. Enquanto nesta, faz-se necessária a presença de um intertexto, cuja fonte é explicitamente mencionada ou não, (...) o conceito de polifonia, tal como elaborado por Ducrot, (...) exige apenas que se representem, encenem, em dado texto, perspectivas ou pontos de vista de enunciadores (reais ou virtuais), diferentes (...) sem que se trate, necessariamente, de textos efetivamente existentes” (KOCH; BENTES;CAVALCANTE, 2007, p.79).

Observa-se, assim, que há entre a intertextualidade e a polifonia uma relação de inclusão: a polifonia engloba todos os casos de intertextualidade, sendo, porém, mais ampla que esta. “Tanto um quanto o outro mostram a presença (inevitável) do outro em nossos discursos, do dialogismo tal qual postulado por Bakhtin e da incontornável argumentatividade inerente aos jogos de linguagem” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p.83)

Feita essa ressalva, passemos ao conceito de polifonia de Ducrot (1987).

### 2.3 Polifonia<sup>3</sup>

Koch (1997) comenta que “Ducrot trouxe o termo polifonia para o interior da pragmática linguística para designar, dentro de uma visão enunciativa do sentido, as diversas perspectivas, pontos de vista ou posições que se representam nos enunciados” (*ibid*, p.50).

Desta forma, textos polifônicos são textos em que se pode evidenciar, claramente, o dialogismo. “São textos em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem, (...) nos textos polifônicos escutam-se várias vozes, nos monofônicos uma apenas, pois as demais são abafadas” (BARROS, 1999, p.36).

Desta forma, para que haja polifonia é preciso que em cada texto/enunciado haja mais de uma voz (de locutores ou enunciadores) que podem (ou não) representar perspectivas diferentes. Nesse sentido, é importante distinguir, em uma enunciação, dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores.

Mainueneau (1997) comenta que para Ducrot “o locutor é visto como um ser que no enunciado é apresentado como seu responsável (...) e os enunciadores seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas” (*ibid*, p.77).

É preciso distinguir o locutor enquanto tal e o locutor enquanto ser no mundo. O primeiro (L) é o responsável pela enunciação, considerado unicamente enquanto tendo esta propriedade. O segundo é uma pessoa “completa”, que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado (DUCROT, 1987, p.188).

(...) o sentido do enunciado, na representação que ele dá a enunciação, pode fazer surgir aí vozes que não são as de um locutor. Chamo ‘enunciadores’ estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p.192).

Para Mainueneau (1997) é possível, então, a partir deste ponto de vista, ouvir uma voz diferente da do “locutor”, a voz de um “enunciador” que expressa um ponto de vista. Nesse sentido, “o ‘locutor’ [pode] assumir as palavras, mas não o ponto de vista

---

<sup>3</sup> O conceito de polifonia foi introduzido, inicialmente, por Bakhtin para caracterizar o romance de Dostoievski.

que elas representam. Evidentemente, isso exige que uma marca de distanciamento apareça entre as palavras e o ‘locutor’, caso contrário, o ponto de vista do ‘enunciador’ lhe seria atribuído” (*ibid*, p.77). Há, assim, marcas que demonstram a adesão ou não do locutor com o ponto de vista do enunciador e que, para Koch (1997), podem ser representadas, no primeiro caso, pela marcação de pressuposição, certos tipos de parafraseamento, argumentação por autoridade; e no segundo caso pela negação, determinados operadores argumentativos, operadores concessivos, aspas de distanciamento, entre outros.

Haveria, assim, dois tipos de polifonia (DUCROT, 1987): **a)** a polifonia entre locutores: quando, no mesmo enunciado, se tem mais de um locutor – correspondendo, neste caso, ao que Koch (1997) denominou de intertextualidade explícita; e **b)** a polifonia entre enunciadores: quando, no mesmo enunciado, há mais de um enunciador que representam perspectivas diferentes, sem necessidade de se servirem de textos efetivamente existentes (recobre, neste caso, em parte, a intertextualidade implícita, sendo, porém, mais ampla).

### **3. Dialogismo entre Sujeitos e entre Textos: O Dizer por meio do Blog**

Caracterizado predominantemente pelo uso da escrita e estrutura relativamente padronizada, o *blog* é composto por textos curtos e postados em blocos ou *posts* que obedecem a uma ordem cronológica inversa da leitura canônica. Pela facilidade da edição, atualização e manutenção dos textos em rede, pela não necessidade de ser um especialista em conhecimentos informáticos para utilizá-lo e pela gratuidade da ferramenta, o blog tornou-se um importante instrumento de comunicação e expressão, sendo definido por Recuero (2003) como um *locus* específico, que privilegia, ao mesmo tempo, a auto-reflexão e a reflexão coletiva.

Qualificado, então, como um *locus* particular para a auto-expressão, o *blog* selecionado para esta análise é encontrado na página eletrônica da revista<sup>4</sup> Capricho, no item *blogs*. Seu nome *Papo de Amiga* deriva do próprio propósito do *blog*: fazer com que as adolescentes escrevam para dividir, pedir conselhos, desabafar, pois, de acordo com aquele *blog*, ali haverá sempre alguém pronta para ouvir e ajudar. Desta forma, fica mais fácil entender o porquê de sua estrutura: inicialmente há um *post* com um

---

<sup>4</sup> [www.capricho.com.br/blogs/papodeamiga](http://www.capricho.com.br/blogs/papodeamiga)

“problema” enviado por uma leitora da revista, seguido de um comentário da revista sobre este “problema”, abrindo, posteriormente, espaço para os comentários das outras leitoras.

Como eu contei para os meus pais que perdi a virgindade<sup>5</sup>

Postado por [Fernanda Bastos](#) em 02-10-2009 às 18:44

O post hoje é um pouco diferente. A V. me escreveu querendo dividir com vocês uma experiência difícil que ela viveu mas já superou. Como achei o assunto super importante e de interesse geral, resolvi postar:

***“Há dois anos atrás tive um namorado e perdi minha virgindade com ele. Me sentia preparada, por isso tomei essa decisão. Só que meus pais nunca me deram muita liberdade para falar sobre esse assunto. Isso fez com que eu me reprimisse e, na época, não tive tanta coragem de contar para eles.***

***Depois que o meu namoro terminou, me senti super mal, porque se eu não tinha contado para os meus pais enquanto namorava, obviamente não contaria agora que estava sem namorado. Comecei a entrar em conflito comigo mesma, me culpar, achar que tinha sido errada por ter perdido a virgindade com 15 anos. Comecei a ficar ausente de mim mesma, não via mais alegria em nada, minha casa começou a me fazer mal, porque dentro dela eu me sentia sufocada pressionada. Os meus pais me tratando ainda como criança, sendo que eu tinha virado mulher sem que eles ao menos percebessem.***

***Guardei esse segredo por um ano e quatro meses, o resultado foi reprovar na escola e entrar em depressão. Meus pais começaram a ficar preocupados e resolveram me levar a uma médica. Não consegui me abrir na primeira consulta mas, dois dias depois, resolvi escrever uma carta para os meus pais onde disse tudo o que eu sentia, a verdade que tanto me corroía e entreguei para eles. Minha mãe, meu pai e eu caímos no choro. Só assim para eles descobrirem que a menina deles tinha virado mulher.***

***No início, eles estranharam muito, mas eu sabia que com o tempo eles se acostuariam com a ideia. Depois que me abri, consegui voltar à minha vida normal, me divertir com as minhas amigas e voltar a sorrir. Acho que esse problema é o de muitas meninas e depois do que eu passei, vale lembrar que nada é tão terrível. Sempre, de uma forma ou de outra, alguém vai te entender. Guardar para si não é a melhor solução.”***

V.: MUITO obrigada pelo depoimento tão sincero. E por dividir com a gente algo tão íntimo. Tenho certeza que vai ajudar muita gente.

Quem mais tiver exemplos de como resolveu esse problema, divida também! Please!!  
beijo pra todas

fé

Observa-se que a construção do *post* da Capricho se caracteriza como um texto heterogêneo uma vez que inicia-se com uma breve introdução feita pela Fernanda Bastos (mantenedora do *blog*), com a posterior introdução do relato da V. A introdução do novo texto é feita por meio do discurso direto, com o uso de aspas e itálico, visando

<sup>5</sup> Selecionou-se para esta análise o tema “Como eu contei para os meus pais que perdi a virgindade” e apenas cinco comentários dos 149 existentes na dada de confecção deste artigo (16/11/2009)

demonstrar não só que aquelas palavras não são da Capricho, como também marcar uma certa objetividade, produzindo um efeito de reprodução fiel ao texto da *V*; fidelidade que pode ser contestada como alerta Romualdo (2003, p.234): “A repetição de falas alheias (...) ainda que dada como literal, acontece em uma situação comunicativa diferente, com modificações contextuais nas quais se incluem mudanças de elementos lingüísticos e extralingüísticos”. Desta forma, o “discurso direto não constitui uma reprodução ‘fiel’ do discurso citado, como se o locutor fosse uma espécie de gravador ideal”. (MAINGUENEAU, *apud* ROMUALDO, 2003, p.235).

Após essa introdução do relato da *V* a mantenedora do *blog* agradece pelo depoimento e se dirige às outras leitoras para que estas se posicionem frente aquela temática. Vê-se, assim, que sua estrutura pressupõe e permite a participação do outro, de seu leitor (o leitor-interagente) (RECUERO, 2009), através dos comentários, criando um clima de troca de experiências, num espaço de trocas discursivas.

O *blog* se constitui como um espaço de diálogo (...) [há] um espaço específico para a interação com os leitores, disponibilizado através de uma ferramenta de comentários, que permite que os leitores tornem-se agentes, discutindo, e, muitas vezes, desviando completamente o assunto. (...) quem escreve em um *weblog* escreve sempre em relação ao Outro, a um leitor, a um receptor, imaginário ou concreto, a quem o autor deseja dar uma determinada percepção de si enquanto sujeito, através da narração de si mesmo (RECUERO, 2009, p.05).

Percebe-se, de tal modo, que o *blog* se constitui como um lugar virtual apropriado para a manifestação da escrita interativa por meio de produções textuais opinativas que, dado as características do suporte digital em que estão inseridas, permitem a instauração de uma interação<sup>6</sup> social entre um locutor (eu/sujeito) e um interlocutor (outra pessoa) que podem trocar ideias, sugestões e criticarem atitudes, através de um mediador que pode ser um texto. (GARCEZ, 1998)

Assim, os sujeitos, nessa relação dialógica, não só construirão textos como também serão construídos por meio dessa interação (BARROS, 1999). Nesse sentido, será por meio da enunciação que os sujeitos, no *blog*, se avaliarão e expressarão seus valores, construindo, juntos, o texto e o seu sentido. Com isso, toda a construção do

---

<sup>6</sup> É importante ressaltar que, no caso das tecnologias digitais, além da interação com outro sujeito há a interação com a própria máquina, com o próprio *software*. Como comenta Souza (2009): “Todo envolvimento entre o usuário da língua e um *software* é dialógico no sentido de que quem com ele mantém algum tipo de relação está fazendo retomada a outros processos, está em responsividade a chamados que a toda hora se manifestam na interface do *software*, seja através de signos de interface ou através de mensagens que se materializam na interface”.

dizer neste espaço levará sempre em consideração um “outro” que, de acordo com Garcez (1998) pode ser representado por três diferentes interlocutores: o real (palpável, cuja imagem é real), o ideal ou virtual (passível de existência), e o supraindividual ou superdestinatário (um conjunto ideológico, um grupo a que o autor pertence ou pretende pertencer).

O interlocutor real, foco deste estudo, aparece no *blog* quando, ao construírem seus enunciados, as adolescentes levam em consideração, por exemplo, além da *postagem* inicial feita por uma leitora da revista, os comentários já realizados pela revista *Capricho* e, também, os outros comentários feitos pelas outras leitoras. O interlocutor virtual se manifestaria, no momento da produção do texto, quando as leitoras-produtoras consideram todas as adolescentes que leem o *blog* (que não são conhecidas, mas virtualmente presumidas). Além disso, estas têm em mente todas as normas que regem a construção dos enunciados (coesão, coerência, etc.), inclusive as *netiquetas*<sup>7</sup> e os padrões ortográficos tradicionais e a ortografia virtual (*Internetês*<sup>8</sup>) aceitável neste espaço. E, por fim, o interlocutor supraindividual seria toda a ideologia que perpassa o grupo social no qual esta adolescente está inserida, bem como a ideologia da comunidade virtual que sustenta o *blog* (no caso, a ideologia da revista *Capricho* que por sua vez influencia, por meio do seu dizer, a construção da identidade dessa adolescente).

Assim, o contexto, as expectativas que o eu possui a respeito do “outro”, as reações e as respostas que se esperam, o papel que o “outro” representa para o eu, a ideologia do grupo, as normas que regem a construção de um dizer; tudo isso é importante e influencia na construção do enunciado e determinará a escolha do estilo no gênero. Além disso, ao construírem seu dizer, as adolescentes e a própria *Capricho*, esperam uma atitude responsiva ativa das outras leitoras, ou seja, esperam que estas se reconheçam na temática do *blog* e, por meio dessa identificação, se posicionem frente àquelas produções, um posicionamento de concordância, discordância, etc., que se materializará por meio de novos comentários.

---

<sup>7</sup> Na comunicação mediada por computador (CMC), há certas regras de etiqueta que o usuário deve saber antes de iniciar uma interação *online*, como por exemplo: não usar caixa alta (que evidenciam a ocorrência de alterações entonacionais e prosódicas da fala); se identificar, usar *emoticons* (ícones para expressar emoções) para minimizar a ausência do contexto, entre outras; tudo em prol de um bom comportamento interacional no convívio virtual na Internet.

<sup>8</sup> A linguagem utilizada nos ambientes virtuais, mais especificamente, nos gêneros digitais, apresenta um hibridismo nunca visto antes. Além da junção de escrita, som, imagem, há o uso de uma linguagem abreviada, muitas vezes próxima do oral. Essa linguagem é conhecida pelos internautas como *Internetês*.

(...) o enunciado está relacionado não só aos que o precedem, mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. Com efeito, na medida em que um enunciado é elaborado em função de uma resposta, está ligado a essa resposta, que ainda não existe. O locutor sempre espera uma compreensão responsiva ativa e o enunciado se constitui para essa resposta esperada. (FIORIN, 2006, p.178)

Vê-se, assim, que o *blog* se caracteriza como um espaço de diálogo<sup>9</sup> que permite o entrecruzamento de múltiplas verdades sociais; se caracteriza, então, como um “espaço em que ocorre *diálogo no sentido amplo do termo*, isto é, a confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanho postos em relação”. (FARACO, 2003, p.60). Além disso, todas as produções do *blog* são enunciados novos que, pelo seu aspecto público, permitem e propõem o diálogo. Um diálogo que nunca está concluído, já que sempre estará aberto às novas vozes que, ao se somar a ele, comporão outros textos, outros sentidos.

Um *post* questiona, desestabiliza a rede e gera um movimento onde aparecem a auto-organização e a responsividade. Os comentários dão suporte e re-alimentam a cadeia comunicativa. *Posts* geram comentários, que geram outros comentários e outros *posts*. (GUTIERREZ, 2005, p.05)

Os comentários abaixo corroboram essas afirmações. Por meio deles, podemos observar como as produções levam em conta um “outro”, apresentando, pois, o dialogismo e a responsividade anteriormente comentada. É preciso lembrar que os *posts* em um *blog* obedecem a uma ordem cronológica inversa de leitura, desta forma o comentário mais antigo encontra-se no fim. Por isso a importância da data e do horário da *postagem* para a leitura.

**Amanda • • RS •**  
03/10/2009 • 22:21

puxa vida Carol, virgindade é so o simples fato de romper o hímem? CARAMBA que falta de sensibilidade! transar pela primeira vez vai muito alem disso, é experimentar coisas novas, conhecer o seu corpo e sentir prazer, a V. super corajosa, vem e se expoe contando sua história e voce vem assim, na cara dura "TRANSAR SÓ SIGNIFICA ROMPER O HIMEM" aaaah, francamente ne?? tudo bem estamos no seculo 21, estamos sempre lutando pelos nossos direitos, e concerteza, para as mulheres vai ser assim ate o resto de nossas vidas. a V. amava o namorado e quis perder a virgindade com ele PONTO, nao qer dizer q pq ela perdeu a virgindade, tambem vai estar pronta para contar para os pais, nao é bem assim. sou totalmente a favor do sexo depois do casamento, mas isso nao é uma opiniao machista, do seculo 19, é uma vontade minha, afinal casar é um passo muito importante na vida, e seu casar vai ser com o cara q eu escolhi pra ser feliz enquanto der. acho um absurdo aquelas pessoas que conhecem uma pessoa e na mesma noite ja estao trasando. POXA MULHERADA CADE O RESPEITO A SI MESMO? O AMOR PROPRIO? cada um pensa de um jeito e devemos respeitar as opinioes dos outros.

---

<sup>9</sup> É importante destacar que a intertextualidade no *blog* se manifesta não só na retomada dos outros textos ali produzidos como também na retomada de outros textos de outros *blogs*. Esse tipo de intertextualidade não ocorreu neste *post* mas, quando ocorre, se manifesta por meio dos *links*.

**ma •• SP •**  
03/10/2009 • 21:13

é mas se essa menina esperasse até o casamento ela não iria se arrepender porque estaria com o cara da sua vida.por isso sou totalmente a favor de sexo só depois do casamento.

**carol •••**  
03/10/2009 • 15:31

Sou a carol dos texto 'power pink' haushuas, respondendo pra Fernanda Bastos, Fê tudo bem que tem familias que parecem que vivem no seculo 19 mas porque isso acontece? porque as mulheres dessas familias aceitam as restrições impostas sobre a liberdade sexual das mulheres desde do inicio da era, mas se nos mulheres pararmos com esse absurdo não existirá mas familias assim, e discutir sobre sexual alem de ressaltar nossa liberdade moral e sexual, ajuda em muitas coisas como levar informação pra muitas meninas que pensaram varias vezes antes de transar sem camisinha ou ate mesmo transar. Temos que lutar pra que essas familias do seculo 19 evoluam afinal não estamos mais nesse seculo ;) VIVA O SECULO 21. Bj.

Pelos *posts* acima se constata como a construção do comentário no *blog* é uma construção que dialoga com as outras produções ali publicadas, resultando em um texto heterogêneo, no qual os fragmentos de outros textos anteriormente produzidos são retomados visando construir um espaço de diálogo no qual, a partir desse já-dito, as adolescentes se posicionem e construam sua opinião, sua argumentação.

Como comenta Koch (1987),

A argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas principalmente de coerência textual. (KOCH, 1987, p.23)

Assim, vista como a apresentação de argumentos visando obter determinados resultados, a argumentação “consiste em um modo particular de interação humana, no sentido de que aquele que argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro, com o objetivo de modificá-las ou aumentar a adesão a tais convicções” (FRASSON, 1992, p.86). Daí a utilização, muitas vezes, da intertextualidade, uma vez que ela

não se resume a uma simples presença do outro no texto, pois a escolha do intertexto já representa uma postura ideológica. A seleção de uma citação já a transforma, o recorte no qual é inserida, as supressões que poderão ser operadas no seu interior, o modo como é tomada no comentário podem revelar a confirmação ou a negação do outro texto. Por isso, a intertextualidade não é uma mera adição de textos, mas um trabalho de absorção e transformação de outros textos com vistas a determinados objetivos. (FRASSON, 1992, p.91-92)

Pode-se dizer, desta forma, que a intertextualidade será sempre revestida de uma intenção, revelando-se, pois, como um recurso de argumentação, na medida em que, a utilização das palavras do outro servirá de argumento a uma ideia que se defenderá. Isso fica claro no texto da *Amanda*, que constrói seu dizer não só retomando a temática do *post*, como também dialogando com a *Ma* e a *Carol*, diálogo este que visa, por meio da intertextualidade, ora explícita ou implicitamente, contestar o dizer delas (intertextualidade das diferenças) e, assim, expor a sua verdade.

No início do texto da *Amanda*, observa-se claramente que todo o seu dizer vai sendo construído retomando trechos do texto da *Carol* para, com base nele, contrapor as ideias ali defendidas. Esses contra-argumentos e a não concordância com o ponto de vista defendido pela outra leitora são explicitados no uso de expressões entonativas, manifestadas, algumas vezes, em caixa alta: “*CARAMBA*”; “*aaaah, francamente ne??*”; de operadores argumentativos e/ou expressões argumentativas: “*é só*”, “*vai muito além disso*”, entre outras; além de adjetivos tais como: “*simples*”, “*cara dura*”. Nos trechos reproduzidos abaixo podemos verificar, mais explicitamente, a intertextualidade ao texto da *Carol*.

**carol •••**

03/10/2009 • 15:31

(...) **Temos que lutar** pra que essas familias do seculo 19 evoluam afinal não estamos mais nesse seculo ;) **VIVA O SECULO 21.** Bj. (Grifo Nosso)

**Amanda ••RS•**

03/10/2009 • 22:21

puxa vida Carol (...) voce vem assim, na cara dura "TRANSAR SÓ SIGNIFICA ROMPER O HIMEM' (...) **tudo bem estamos no seculo 21, estamos sempre lutando pelos nossos direitos**, e concerteza, para as mulheres vai ser assim ate o resto de nossas vidas. a V. amava o namorado e quis perder a virgindade com ele PONTO, **nao** quer dizer q pq ela perdeu a virgindade, tambem vai estar pronta para contar para os pais, nao é bem assim (...) – (...) (Grifo Nosso)

Nestes fragmentos é possível constatar que a retomada de trechos do texto anterior serve de base a um contra-argumento que será posteriormente introduzido. É interessante observar que a *Amanda* se posiciona e resume a ideia defendida pela *Carol* no fragmento que se encontra entre aspas. Neste caso, podemos dizer que se trata de um “comentário sobre a fala” (BENITES, 2002, p.65), ou seja, uma reflexão sobre a outra fala, uma síntese do discurso anteriormente realizado. Enfoca-se “a unidade de sentido de todo um discurso, [sendo, pois] mais globalizado”. (*ibid*, p.65).

Além disso, nesta reprodução do texto da *Amanda*, verificamos que em certo momento ela comenta que até concorda em alguns pontos com *Carol* (“*tudo bem*

*estamos no século 21*”), mas explicita que, de uma certa forma, não será a inserção em um determinado século (proporcionador de uma “liberdade sexual”) que garantirá que todas as mulheres tomem a atitude da *V*. É importante comentar, então, o uso do **não**. Como comenta Maingueneau (1997, p.80), “para Ducrot, os enunciados negativos encenam um choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois “enunciadores” diferentes”. Teríamos, então uma polifonia de enunciadores:

**E1:** Pronta para transar = pronta para contar para os pais

**E2:** Amanda – Perder a virgindade não é = a estar pronta para contar para os pais.

Além disso, podemos perceber que a *Amanda* retoma, igualmente, a ideia defendida no texto da *Ma* visando, a partir dessa retomada, construir seu futuro argumento não só de opinião contrária a ideia da *Carol* como também contrária à visão romântica do casamento explicitada pela *Ma*:

ma •• SP •  
03/10/2009 • 21:13

é mas se essa menina esperasse até o casamento ela não iria se arrepender porque **estaria com o cara da sua vida**.por isso **sou totalmente a favor de sexo só depois do casamento**. – (Grifo Nosso)

Amanda •• RS •  
03/10/2009 • 22:21

(...) **sou totalmente a favor do sexo depois do casamento**, mas isso **nao** é uma opiniao machista, **do século 19**, é uma vontade minha, afinal casar é um passo muito importante na vida, e **seu casar vai ser com o cara q eu escolhi pra ser feliz enquanto der** (...) – (Grifos nosso)

A ideia do “sexo só depois do casamento” é utilizada pela *Amanda* visando defender que esta é uma opção e não uma imposição. Destaca-se, desta forma, o uso do **não** como importante recurso para demonstrar esses dois enunciadores:

**E1:** *Carol* – Sexo só depois do casamento é uma restrição imposta sobre a liberdade sexual das mulheres; coisa do século XIX, = machismo.

**E2:** *Amanda* – Sexo só depois do casamento é uma escolha, não imposição.

Em relação a *Ma*, verificamos duas ideias também opostas, pois, enquanto uma retoma a ideia de “felizes para sempre” a outra apresenta uma visão pós-moderna:

*Ma* – casamento = estar com o homem de sua vida;

*Amanda* – casamento = ser feliz enquanto der.

A ideia de casamento defendida pela *Amanda* assemelha-se ao conceito de “amor líquido” comentado por Bauman (2005). Para ele, a pós-modernidade é composta

por “homens sem vínculos” os quais aboliram a “antiga ideia romântica de amor como uma parceria exclusiva ‘até que a morte nos separe’ (...) pelo ‘amor confluyente’ – uma relação que só dura enquanto permanece a satisfação que traz a ambos os parceiros” (*ibid*, p.71). Assim, em um relacionamento, “‘a permissão de entrar’ [deve vir] acompanhada da ‘permissão para sair’ no momento em que não veja mais razão para ficar” (*ibidem*, p.72).

Além disso, em relação ao texto da *Ma*, podemos dizer que sua argumentação em favor do “*sexo só depois do casamento*”, embasa-se em uma ideia muito divulgada pela Igreja, que poderia ser exemplificada, dentre outras passagens, por:

(...) Assim, **no plano de Deus** a vida sexual só tem lugar no casamento. São Paulo há dois mil anos já ensinava aos coríntios: “*A mulher não pode dispor do seu corpo: ele pertence ao seu marido. E também o marido não pode dispor do seu corpo: ele pertence à sua esposa*” (1 Cor 7,4). O apóstolo não diz que o corpo da namorada pertence ao namorado, e nem que o corpo da noiva pertence ao noivo. A união sexual só tem sentido no casamento, porque só neste existe um “comprometimento” de vida conjugal, vida a dois, no qual cada um assumiu um compromisso de fidelidade com o outro, para sempre, diante da comunidade e diante de Deus. (CANÇÃO NOVA, 2007)

Vê-se, então, que todo o seu dizer é construído dialogando com a ideia de que a atitude sexual “correta” no “plano de Deus” é o “*sexo só depois do casamento*”; atitude esta que se mostra contrária ao ato narrado pela *V*. Por isso, a reprovação da *Ma*: “*sou totalmente a favor de sexo só depois do casamento*”, com especial atenção ao operador argumentativo *só*.

É interessante observar, ainda, a importância do uso dos tempos verbais para sua argumentação. Como comenta Weinrich (*apud* KOCH, 1987), as formas verbais no discurso não exprimem tempo, mas sim caracterizam a situação comunicativa como relato ou como comentário. Assim, dependendo da atitude comunicativa do produtor do texto, podem-se ter textos do mundo narrado ou do mundo comentado, e a distinção entre narração e comentário se dá pelas formas verbais que apresentam, ou seja, há formas verbais específicas para esses tipos de textos<sup>10</sup>, além disso, pela utilização do verbo é possível observar uma polifonia. No texto da *Ma* a utilização de verbos do

---

<sup>10</sup> Para os textos do mundo narrado utilizam-se formas verbais do pretérito (imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito do indicativo) e futuro do pretérito; e para textos do mundo comentado, presente do indicativo, pretérito perfeito composto, pretérito perfeito simples, futuro do presente simples e composto. O uso de forma verbal de textos do mundo narrado em textos do mundo comentado e vice-versa, constituem, segundo Weinrich, “metáfora temporal”, que gera efeitos de sentido particulares.

mundo narrado seguidos de verbos do mundo comentado (metáfora temporal), auxiliam não só na sustentação de seu dizer e de sua argumentação como, também, permitem a ocorrência de uma polifonia de enunciadores, verificada em: “*ela não **iria** se arrepender porque **estaria** com o cara da sua vida*”:

**E1:** *V* – Fiz sexo antes do casamento e me arrependi: “Comecei a entrar em conflito comigo mesma, me culpar, achar que tinha sido errada por ter perdido a virgindade com 15 anos”.

**E2:** *Ma* – Sexo depois do casamento sem arrependimento porque estará com o homem de sua vida.

Para finalizar a análise destes três *posts*, vale a pena comentar a construção feita pela *Carol*. Observa-se que ela constrói seu dizer comentando que responderá a Fernanda Bastos (mantenedora do *blog* da Capricho) e não às outras leitoras, como ocorre na maioria dos outros *posts*. Além disso, ela utiliza, na construção do seu dizer o operador argumentativo **mas**, considerado por Ducrot (1987) como o operador argumentativo por excelência.

**carol •••**

03/10/2009 • 15:31

(...) as mulheres dessas famílias aceitam as restrições impostas sobre a liberdade sexual das mulheres desde do início da era, **mas** se nos mulheres pararmos com esse absurdo não existirá mas famílias assim (...)

De acordo com Koch (2004, p.63) o operador *mas* é um operador argumentativo que demonstra que “o argumento *p* é sempre atribuído a uma outra voz, à qual se reconhece certa legitimidade (...) mas à qual se opõe um argumento próprio *q*, mais forte, que deve levar a conclusão oposta”. Assim teríamos:

**P:** As mulheres dessas famílias não dialogam (e tem medo de dialogar) sobre sexo (com seus pais) porque não possuem liberdade sexual (mesmo não estando mais no séc. XIX), e aceitam essas restrições...

**MAS**

**Q:** “se nós mulheres pararmos com esse absurdo” (de aceitar as restrições impostas, já que estamos no séc.XXI)

**R:** não existirá mais famílias que “parecem que vivem no século 19” e haverá “liberdade moral e sexual”, além de “informações para muitas meninas”.

Por fim, observemos os dois últimos *posts* selecionados para essa análise:

**Alice •• RJ •**

03/10/2009 • 19:21

**Concordo com a mih.. Que coisa mais brega** e drámatica, só pq perdeu a virgindade? Isso é motivo de comemoração, **não** de **depressão**. é cada gente mais doida viu/ Ser reprovada na escola?? Essa historinha é mesmo muito surreal.

mih • • •

03/10/2009 • 18:15

A seila, eis **pais choraram por issu???** Q brega:Pe vc fikou com depre... mais brega ainda – (Grifo Nosso)

Na construção da *Mih* podemos observar não só a dialogia (já que ela está respondendo a situação *postada* pela *V* e retomando, inclusive, situações por ela relatadas: o choro dos pais, sua depressão) como também a dimensão axiológica que perpassa toda atitude responsiva. Isso é observado tanto no uso do adjetivo “*que brega*”, que explicita um juízo de valor, como também nos três pontos de interrogação que podem representar, além da ênfase, uma indignação, perplexidade, que, posteriormente, será reforçada novamente pelo uso do adjetivo “*brega*” (“*mais brega ainda*”) e também pelo *emoticon* **:P** (mostrar a língua).

Já a *Alice* constrói seu dizer não só respondendo ao *post* inicial da *V*, como também retomando as ideias da *Mih*. Observa-se, pelas partes destacadas, como que o seu dizer é formado pelo resgate de trechos do dizer da *Mih*, resgate este que demonstra uma correspondência de ideias entre as duas e servirá de base para a construção da sua opinião que pode ser, brevemente, resumida em: perder a virgindade é motivo de comemoração e não de depressão (posição da *V*). Destaca-se, assim, o uso do **não** encenando essas duas atitudes antagônicas atribuídas a dois enunciadores diferentes:

**E1:** *V* – perdi a virgindade e “o resultado foi reprovar na escola e entrar em depressão”.

**E2:** *Alice* – perder a virgindade é motivo de comemoração e não depressão.

Tal qual a construção da *Mih*, *Alice* apresenta índices avaliativos manifestados por meio de adjetivos tais como: “*dramática*”, “*gente mais doida*”, “*muito surreal*” e o operador argumentativo “*só porque*”.

### Considerações Finais

Pelo exposto foi possível observar que as construções do *blog* contemplam o caráter dialógico da linguagem teorizado por Bakhtin/Volochinov (1992) uma vez que os textos ali publicados além de serem confeccionados pensando em um “outro”, são construídos, também, esperando uma atitude responsiva ativa das outras leitoras. Além disso, todos os textos do *blog* são um elo na cadeia comunicativa, uma vez que cada *post* é um enunciado completo, aberto para outros comentários, produzindo, assim, uma relação dialógica com outros enunciados.

Além disso, verifica-se que, dependendo da intenção e do efeito argumentativo pretendido, as adolescentes utilizam-se ora, explícita ou implicitamente, da intertextualidade visando dar um certo encaminhamento discursivo ao seu texto. Deste modo, opta-se pela retomada de outros textos ali mesmo produzidos no intuito de auxiliar na progressão formativa de suas ideias. Assim, ao elaborarem uma resposta, um comentário, as leitoras-produtoras utilizam-se da intertextualidade e da polifonia como um recurso argumentativo, re-significando o já-dito, opondo-se, muitas vezes, às ideias retomadas, e construindo, assim, textos heterogêneos, formados no confronto e na negociação com as representações e valores dos outros (da Igreja, de outras leitoras, etc.).

De tal forma, podemos dizer que os textos do *blog* Papo de Amiga da revista Capricho são textos polifônicos uma vez que por meio deles podemos ouvir distintas vozes que irão auxiliar não só na argumentação como na própria progressão, constituição e compreensão do texto.

### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, 6ª edição. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**, 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: \_\_\_\_\_, FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin**, São Paulo: Edusp, 1994, p.01-09.

\_\_\_\_\_. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba, Editora UFPR, 1999, p.21-42

BENITES, Sonia Aparecida Lopes. **Contando e Fazendo a História**: a citação no discurso jornalístico. São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

CANÇÃO NOVA.  
[www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=6562](http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=6562). Postado em 27/08/2007, Acesso em: 16/11/2009, às 22h.

- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987, p.161-219
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo**: as ideias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar edições, 2003, p.45-85.
- FIORIN, José Luís. Interdiscursividade e Intertextualidade. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p.161-193.
- FRASSON, Regina Mafalda Denardin. A Intertextualidade como recurso de argumentação. In: **Letras**, n.4 Santa Maria, 1992, p.85-96.
- GARCEZ, Lucília. Vygotsky e Bakhtin – um diálogo. In: \_\_\_\_\_. **A escrita e o outro**: os modos de participação na construção do texto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 45-69.
- GUTIERREZ, Suzana. Weblogs e educação: contribuição para a construção de uma teoria. In: **Revista Novas Tecnologias na Educação**. v.3, n 1, 2005.
- KOCH, Ingedore, BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE; Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, Ingedore. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MENEGASSI, Renilson José. Aspectos da responsividade na interação verbal. In: **Línguas e Letras**, vol.10, n.18, 2009.
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia**. Revista Famecos, Porto Alegre, número 22. 2003
- \_\_\_\_\_. **O interdiscurso construtivo como característica fundamental dos webrings**. Disponível em: <http://www.intexto.ufrgs.br/n10/an10a1.html>, acesso em 28 maio 2009.
- ROMUALDO, Edson Carlos. O discurso relatado em depoimentos da justiça: formas e funções. In: **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, Maringá, v.25, n.2, p.233-240, 2003.
- SOUZA, Aguinaldo Gomes de. Software, hipermídia, hipertexto e gêneros digitais: observações preliminares. In: **Anais do Encontro Internacional de Texto e Cultura**. Disponível em: [www.souza.pro.br/software\\_hipermidia\\_aguinaldo\\_souza.pdf](http://www.souza.pro.br/software_hipermidia_aguinaldo_souza.pdf). Acesso em: 09/11/09 às 22h.